

Ao delegar a escrita à IA, corremos o risco de impedir
nossa reflexão.



Corentin Lamy

Service Pixels, Le Monde, 13/11/2025

Escrever não só nos permite comunicar, como também nos ajuda a organizar as nossas ideias. Recorrer a geradores de texto baseados em inteligência artificial equivale, portanto, a deixar que os multimilionários de Silicon Valley pensem por nós.

Qual é a altura da Torre Eiffel? ¿O que cozinhar com sêmola e um punhado de pepinos em conserva? O hipopótamo é mais forte que o elefante? Dez palavras, um ponto de interrogação, e aí está o ChatGPT que, graças ao seu espetacular corpus de treinamento e à sua capacidade quase mágica de adivinhar, após uma palavra, qual é a que tem mais probabilidades de ser a seguinte, oferece uma resposta credível e, às vezes, até verdadeira.

Já muito solicitados para responder às mais diversas questões, os geradores de texto por inteligência artificial são cada vez mais utilizados como substitutos da escrita: de acordo com um estudo publicado pela OpenAI, 10,6% das solicitações ao ChatGPT consistem em pedir para editar ou criticar um texto, e 1,4% em redigir um texto de ficção.

Mais surpreendente ainda: em 8% dos casos, aqueles que utilizam o Chat GPT pedem-lhe que escreva, em seu lugar, um texto ou uma comunicação pessoal. O autor destas linhas pode atestar isso: ele viu um adolescente responder às perguntas de um jornalista, passando claramente sua resposta pelo ChatGPT, ou ouviu a história de jovens apaixonados que mantêm uma relação epistolar, deixando-se inspirar pelas respostas do chatbot, assim como Cristian repetindo as palavras de Cyrano. É uma forma de delegar a um gerador de texto a tarefa de materializar seus pensamentos, assim como frequentemente delegamos aos corretores ortográficos a tarefa de corrigir nossos erros.

Delegar o pensamento

Mas escrever não é apenas comunicar, é também pensar. Em uma entrevista recente à revista *Usbek & Rica*, o filósofo Eric Sadin lamenta que “mil milhões de indivíduos” encontrem nessas tecnologias “a oportunidade de não exercer mais suas faculdades fundamentais, entre as quais se destacam as de falar e escrever em primeira pessoa”. E continua: “¿Entendemos que uma vida privada da expressão de nossas faculdades e de vínculos ativos com nossos semelhantes só pode ser um terreno fértil para a tristeza, o rancor e a loucura?”

“Um escritor não escreve apenas palavras”, acrescenta Ed Zitron (autor norte-americano especialista em inteligência artificial, em sua *Acusação contra a IA generativa*); ele faz colidir ideias, ideais, emoções, reflexões, fatos e sentimentos (...) A boa escrita é uma tensão (...) um processo atravessado pela emoção... uma emoção à qual uma IA não saberia responder.”

A questão do benefício para o leitor de um texto escrito por um ser humano é evidente. Mas o benefício para o autor não é insignificante. Um estudo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts com 54 estudantes mostrou que 83% dos que redigiram uma dissertação usando o ChatGPT eram incapazes de lembrar uma única frase do que haviam escrito.

De maneira mais geral, organizar um texto é organizar o próprio pensamento. Frequentemente, o universitário que assina um artigo, o crítico que analisa um disco ou o apaixonado que expressa suas emoções com palavras não escrevem apenas o que pensam: eles escrevem para saber o que pensam. No entanto, o editorial da revista *Nature Reviews Bioengineering* de junho questionou se escrever é pensar, se um texto escrito com a ajuda do ChatGPT não materializa os pensamentos do gerador de texto, em vez dos nossos.

Do conteúdo supostamente novo

¿E no que pensa o ChatGPT? Felizmente, em nada: como já foi dito, o programa se contenta em regurgitar os textos que figuram em seu corpus de treinamento, desenvolvendo variantes de acordo com um modelo probabilístico. Os geradores de texto produzem frases como uma montanha de torrentes, sem ter consciência para onde vão, do que trazem consigo. Nem mesmo de que eles existem.

Os observadores do setor sabem, ao contrário, de onde eles vêm, como foram constituídos, quais são seus vieses e quais são seus limites. Os pesquisadores Emily Bender e Alex Hanna, em *The IA Con* (em inglês), exploram extensivamente os vieses racistas e sexistas dos geradores de texto. E destacam quem está no comando. Os executivos de empresas como OpenAI, xAI e outras que são pioneiras no setor têm uma agenda política às vezes clara (como Elon Musk com suas posições de extrema direita), outras vezes mais nebulosa, mas nunca contrária às grandes orientações lançadas pelo atual ocupante da Casa Branca.

Acima de tudo, a maioria deles mergulhou no mesmo magma cultural, ou seja, na literatura transhumanista, em delírios de longo prazo e sonhos de imortalidade. Eles só concebem a humanidade fundida com os robôs e a civilização deslocalizada no espaço. Sonhos megalomaníacos, necessariamente financiados por fortunas cada vez mais colossais, do tipo que se acumula monopolizando, idealmente, todas as riquezas do mundo.

Assim, os modelos aos quais aspiram todos os textos, todas as imagens e todos os vídeos disponíveis online alimentam programas concebidos para repetir conteúdos supostamente novos, mas que na realidade são apenas maquiados. É assim que prometem aos investidores perspectivas económicas descabidas, fazendo-os acreditar que a tecnologia substituirá quase todos os trabalhadores humanos qualificados.

“Nesse paradigma, o ser humano se transforma, mais do que nunca, em matéria-prima, da qual é preciso obter o máximo proveito”, resumiu o jornalista Thibault Prévost em Os profetas da IA, e ChatGPT, “a fachada técnica de uma empresa efetivamente clássica de privatização e capitalização de riquezas”. Atacar a escrita e, em última instância, o pensamento, é atacar a última tarefa, a mais íntima de todas, que se acreditava impossível de privatizar.